



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



TITULO: PROGRAMA CONEXÕES DE SABERES E O NÚCLEO DE ESTUDOS DO PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

EJE: Mesa de Trabajo 3. Extensión, docencia e investigación

AUTORES: Mesa de Trabajo 3. Extensión, docencia e investigación

REFERENCIA INSTITUCIONAL: Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória- Pró-Reitoria de Extensão – Universidade Federal de Santa Maria- UFSM

CONTACTOS: alrsoaressan@gmail.com

RESUMEN

O Programa Conexões de Saberes é uma iniciativa do governo federal do Brasil em proporcionar um diálogo entre escolas e universidade sob um ângulo diferenciado, não assistencialista e/ou tradicional, através de ações que privilegiem a complementação da formação escolar e universitária, ao mesmo tempo em que proporcione aos parceiros sociais novas abordagens para o ensino formal.

Estas atividades tem por objetivo promover ações interdisciplinares no qual os saberes acumulados pela comunidade, seu patrimônio material e imaterial, possam ser utilizados como objetos geradores de conhecimento social e científico.

O desenvolvimento do Programa propiciou um diálogo entre escolas e universidade, através do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – NEP- envolvendo alunos de graduação e pós-graduação, bolsistas e não-bolsistas. A perspectiva de trabalho foi diferenciada, não assistencialista ou tradicional, desenvolvendo-se através de práticas sociais que privilegiaram a formação de sujeitos cidadãos em constante relação com seus patrimônios e com o mundo que o cerca e do qual faz parte. Ao mesmo tempo em que trabalhamos com jovens e crianças das escolas, mobilizamos os professores de diversas áreas destas escolas e os acadêmicos do Curso de História envolvidos no projeto.

DESARROLLO

O Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória (NEP) é um órgão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria. Conta, atualmente, com alunos dos cursos de História, Arquitetura, Desenho Industrial e Artes, todos da UFSM, bem como com o apoio de professores e alunos de outras instituições.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



O programa Conexões de Saberes foi um edital proposto pelo Ministério de Educação – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – com o objetivo de estabelecer novas relações entre a universidade e as camadas populares. Afim de conectar acadêmicos oriundos das camadas populares e suas origens, o programa foi pensado para que os conhecimentos originários destas camadas pudessem dialogar com a academia, e assim “conectar os saberes” entre sociedade e universidade. Assim, visando, a partir da temática do patrimônio individual dos alunos das escolas de ensino fundamental e médio com menor IDEB – índice de desenvolvimento de Educação Básica- mostrar realidades diferenciadas onde os alunos e os acadêmicos pudessem dialogar em torno dos elementos importantes, como promover a auto-estima e a valorização das comunidades e seus patrimônios não reconhecidos como relevantes (Soares e Flores,orgs. 2008; Soares, 2003; Soares et all, 2007).

Assim, em 2010, o NEP participou do Programa Conexões de Saberes, fazendo-se presente em escolas do Bairro Camobi, de Santa Maria através da educação patrimonial. São as experiências vivenciadas pelos alunos do NEP por meio do Programa Conexões de Saberes que serão tratadas daqui em diante. As atividades foram desenvolvidas, durante o ano de 2010, no Colégio Estadual Professora Edna May Cardoso, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Renato Nocchi Zimmermann, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Julio do Canto, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Livia Menna Barreto, na Escola Estadual de Educação Básica Margarida Lopes e na Escola Municipal de Ensino Fundamental Vicente Farenzena¹.

As atividades para valorização dos patrimônios dos estudantes

Mais do que trabalhar com os patrimônios consagrados que estão distantes da realidade de muitas pessoas e que, na maioria das vezes, pouco representam a elas e à comunidade em que vivem, executamos ações a partir do patrimônio pessoal e da história local. Nossas atividades pautaram-se na educação patrimonial. Procuramos desenvolver, no Programa Conexões de Saberes, trabalhos que priorizassem a promoção do diálogo entre os patrimônios culturais, materiais e imateriais dos alunos pertencentes às comunidades envolvidas (Klamt e Soares, 2010; Soares e Rempel, 2010).

¹ As atividades não foram concluídas nas duas últimas escolas citadas.

As atividades do NEP tiveram início com a exibição de um filme, denominado **Up – Altas Aventuras**, um filme dos estúdios *Disney Pixar* que acompanha a aventura de um senhor idoso que viaja junto a um menino a caminho do Paraíso das Cachoeiras, na América do Sul. O filme foi escolhido porque permitia explorar aspectos relacionados ao primeiro tema a ser trabalhado, o patrimônio pessoal. A expressão patrimônio pessoal engloba tudo aquilo que consideramos importante, desde fotos ou objetos que nos lembram pessoas das quais gostamos, nossa família, nossa casa, nossos animais de estimação, até algo que representa nossa personalidade, como um videogame, uma bola de futebol, um livro, uma televisão, uma cama, entre outros.



Imagem 1: Exibição do filme *Up – Altas Aventuras*. Fonte: NEP/UFSM.

No filme, o protagonista, Carl Frederiksen, guarda algumas coisas que o fazem lembrar-se de sua falecida esposa, como fotos, objetos que pertenciam a ela, um broche que ela lhe deu, entre outros. Não são, no entanto, somente os objetos materiais que merecem destaque no enredo. Outras coisas podem ser entendidas também como patrimônio



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



pessoal, a exemplo da limpeza da casa, prática antes dividida pelo casal e que continuou sendo realizada por Carl do mesmo modo como sua esposa fazia. O Paraíso das Cachoeiras (local para onde o protagonista viaja) também é um patrimônio pessoal no filme, pois tanto o personagem como sua falecida esposa sonhavam em morar nesse local.

Up – Altas Aventuras ajuda a compreender que o patrimônio pessoal não são apenas objetos, mas também sonhos, planos, festas, maneiras de se fazer algo (limpar, vestir, cozinhar, etc.), conhecimentos (uma receita que passou por gerações da família ou que você mesmo inventou outro dia), etc.

Entende-se por “meu patrimônio pessoal” tudo o que é importante para o sujeito. Se um colar é importante para *mim* (seja porque o ganhei de minha mãe, alguém de quem gosto muito, ou simplesmente porque acho o colar bonito), então ele é *meu patrimônio pessoal*. Se a festa de final de ano de uma família ou a viagem que todo ano é feita para a praia ou para visitar um familiar em outra cidade são importantes para alguém, então elas são patrimônios pessoais dessa pessoa.

Em algumas escolas, discussões como essas ocorreram com as crianças logo após o filme; em outras, aconteceram no encontro seguinte. Em geral, tivemos uma recepção positiva sobre o filme. Boa parte das crianças compreendia o que queríamos ressaltar e, mesmo durante o filme, ouvíamos vários comentários sobre os objetos do protagonista.

A discussão foi logo acompanhada e aprofundada pela atividade seguinte, que chamamos de *Teia do Objeto*. Após a exibição do filme **Up – Altas Aventuras**, pedimos às crianças que levassem um objeto considerado importante para elas. A atividade consistia em um por um segurar a ponta de um rolo de barbante e, após falar seu nome, descrever seu objeto, explicando por que ele era importante. Depois, o rolo deveria ser jogado para outra pessoa sem que o fio fosse solto. No final do exercício, uma teia estaria formada.

A participação nessa atividade foi variada em função dos diferentes objetos e das diferentes falas de cada um. Alguns não levaram um objeto propriamente, mas falaram sobre alguma coisa que consideravam importante. Também, houve casos em que as crianças optaram por não falar, em geral por timidez.

Ouvimos diversas histórias em meio a essa segunda atividade. Os objetos variaram. Um aluno levou um carrinho, importante para ele porque foi presente de sua mãe; outro, uma foto com um primo, importante porque esse primo já havia falecido; outros levaram bonecas, colares, óculos, bonés, etc. Algumas histórias interessantes também surgiram das crianças que não levaram objetos, como é o caso de uma menina que afirmou

considerar uma casinha de bonecas muito importante, pois lhe foi dada por seus pais antes de eles se divorciarem; ou um menino que falou de seu cachorro, importante porque presente de uma tia já falecida; ou outra menina que considerava muito importante a viagem que sua família fazia todos os anos (não nos disse o local), porque eram os dias em que ela se sentia plenamente feliz.



Imagem 2: Teia do Objeto. Fonte: NEP/UFSM.

Por meio das diversas histórias e dos patrimônios pessoais que os alunos apresentaram, pudemos perceber que os aspectos fundamentais do patrimônio pessoal não são sua materialidade ou imaterialidade, mas sim a emoção que despertam e a relação humana que simbolizam. Todos os patrimônios pessoais são importantes porque nos lembram pessoas, nos fazem sentir certas emoções.

Na sequência, demos andamento às atividades sobre patrimônio pessoal com a *Oficina do Cartaz*, que teve como principal objetivo explorar o autoconhecimento dos participantes, estimulando a autoestima. Para o desenvolvimento dessa atividade, utilizamos os seguintes materiais: papel pardo ou cartolina, canetinhas, cola, tesoura e revistas. A atividade consistia em distribuir uma folha de papel pardo ou cartolina com cerca 1 m² para cada aluno, que deveria responder a três perguntas: Como me vejo? Como vejo a minha família? Como vejo o meu futuro? As questões, porém, não deveriam ser respondidas com palavras, e sim por meio de recortes em revistas ou desenhos.

O tempo dispensado para esta primeira etapa era, em média, de trinta minutos. Posteriormente, cada criança deveria apresentar para os colegas o seu cartaz, o que revelou um certo receio entre os alunos. Como o principal objetivo era o autoconhecimento, quando o participante se recusava a exibir o trabalho, permitíamos que os cartazes fossem explicados apenas para nós, educadores.



Imagem 3: Oficina do Cartaz. Fonte: NEP/UFSM.

Na primeira questão – Como me vejo?, pudemos perceber que a maioria das crianças se via como alguém feliz, no entanto elas encontraram dificuldades em se identificar com as personalidades das revistas (principalmente em relação à cor da pele). Na segunda questão – Como vejo a minha família?, percebemos que as crianças tinham estruturas familiares diversas, alguns possuíam estrutura familiar tradicional (pai, mãe e irmãos), outras apenas a mãe ou moravam com parentes, como avós e tios; ou ainda possuíam irmãos, mas não conviviam com eles. Na terceira questão – Como vejo o meu futuro?, observamos que grande parte das crianças desejava bens materiais para seu futuro, tais como casa, carro e roupas caras. A carreira artística, militar ou futebolística também foi uma constante, assim como o desejo de ter uma casa confortável e de constituir uma família. A regularidade nessas respostas nos chamou a atenção.

As atividades de educação patrimonial têm por objetivo promover a compreensão de que o primeiro patrimônio são os próprios sujeitos, as pessoas que eles consideram importantes, suas memórias, enfim, a sua história. Depois de fortalecer este entendimento, partimos para ações de reconhecimento dos patrimônios oficiais da cidade, para que, assim, os alunos tivessem uma percepção crítica acerca dos patrimônios existentes na própria comunidade bem como daqueles que são considerados representativos de toda uma população local/municipal. Esses últimos, no entanto, infelizmente acabam não sendo conhecidos pelas pessoas que vivem em localidades mais afastadas do centro da cidade.

Tendo isso em mente, decidimos realizar o *Passeio na Comunidade*, por meio do qual os participantes nos mostraram lugares que eles consideravam importantes na sua localidade. Instigamos as crianças a valorizarem sua história local, fomentando os vínculos de pertencimento dos indivíduos via os patrimônios locais. A partir dessa atividade,

observamos uma mudança na visão dos alunos no que diz respeito a determinados elementos que configuram seu cotidiano, como, por exemplo, o campinho de futebol da vila, onde pais jogavam e onde, hoje, filhos desses mesmos sujeitos jogam. Por essa razão, o campinho foi eleito pela turma como patrimônio da comunidade.



Imagem 4: Passeio na comunidade. Fonte:

NEP/UFSM.

Acompanhamos o Passeio na Comunidade em diversas escolas do Bairro Camobi, porém cada uma delas apresentou realidades completamente distintas. Em algumas, os alunos encontravam-se em uma situação econômica menos privilegiada, convivendo com diversos problemas familiares e com pontos de tensão de sua própria localidade, como a própria estrutura da escola, às vezes bastante precária. Em outras, os alunos apresentavam melhores condições econômicas bem como situações familiares mais estáveis. Durante o passeio, as crianças foram instigadas a observar aspectos referentes ao saneamento básico, às construções das casas, aos conflitos existentes, aos problemas enfrentados pelos moradores, etc. Todos esses pontos foram necessários para ajudar os participantes a olharem mais criticamente sua comunidade, atentando para alguns elementos que passam despercebidos no dia a dia justamente por não serem valorizados por si mesmos e por outros moradores.

Essa atividade foi de suma importância para concretizarmos nossa proposta inicial, visto que o objetivo maior era que cada pessoa se identificasse com o patrimônio de sua comunidade, passando, com isso, a valorizar sua cultura e história local, entendendo-a como uma parte essencial na construção das faces que compõem a chamada cultura brasileira. Além disso, através de ações de resgate da história local formamos as bases para a florescência do sentimento de valorização e preservação desses bens culturais



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



(materiais e imateriais), para que eles possam ser passados às gerações futuras, permitindo que os indivíduos não percam as referências e as particularidades de suas origens.

Outra atividade realizada foi a análise e discussão de *curtas-metragens da produtora Disney Pixar e de vídeos publicitários*. O objetivo era fazer com que os alunos percebessem as mensagens positivas bem como os problemas (muitas vezes cotidianos em suas vidas) abordados nos vídeos, muitas vezes ignorados na extensão dos seus efeitos.

A partir do curta-metragem **The Birds**, que mostrava um grupo de pássaros ironizando e excluindo outro pássaro da mesma espécie, porém com características físicas diferentes dos demais, discutimos as temáticas *bullying* e preconceito. Por meio do curta-metragem **Presto**, que tratava da relação entre um mágico e seu coelho, falamos sobre amizade, cooperação e respeito com os animais. **Partly Cloudy** mostrava nuvens com características humanas que fabricavam bebês de todas as espécies em um tipo de indústria onde cada nuvem contava com uma cegonha responsável pela entrega. Uma das cegonhas sentia-se inferior em relação às outras, pois entregava apenas bebês não muito fofinhos (como filhotes de jacaré, porco-espinho, tubarão, etc.) e sempre era ferida por eles. A consciência da importância do seu trabalho e a fidelidade a sua amiga nuvem fizeram, no entanto, que a cegonha continuasse no trabalho e encontrasse um meio de não se ferir mais. A partir desse curta-metragem, trabalhamos a perseverança, o preconceito, a responsabilidade e a amizade.

Os diversos vídeos publicitários permitiram-nos tratar de violência familiar (especificamente contra mulheres e crianças) e também da importância de cuidar do meio ambiente e dos efeitos nocivos do mau uso dos recursos naturais, sempre tentando relacionar os assuntos em pauta com o cotidiano das crianças. A limpeza das ruas e o saneamento básico na comunidade foram alguns dos temas mais discutidos nessa perspectiva.

Durante a execução da atividade, prezamos, em primeiro lugar, ouvir as percepções dos alunos a partir da exibição de cada vídeo. Somente após essa fase, falávamos sobre aspectos que, algumas vezes, os participantes não haviam notado. Ouvimos muitas histórias pessoais sobre todos os temas abordados, o que permitiu relacionarmos as temáticas com a realidade das crianças, fazendo do espaço da escola, da casa e da comunidade o nosso objeto de discussão.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Em algumas escolas, a atividade transcorreu como o esperado, com efetiva participação dos alunos; em outras, no entanto, tivemos dificuldades em fazê-los participar, ao contrário do que ocorreu nas atividades anteriores. Notamos que, quando o assunto era a vida familiar, os alunos tinham mais receio de realizar comentários para todo o grupo. Mesmo assim, ao longo de todos os meses de trabalho, ouvir comentários sobre problemas relacionados à família era uma constante.

O que vejo

A partir do diálogo com os alunos e com a comunidade escolar, procuramos trabalhar com elementos presentes na vida dos estudantes, pois partimos da noção de que cada um deles deve dizer o que considera patrimônio. Nos primeiros contatos com as crianças, percebemos que elas não tinham presente em seu cotidiano a ideia de patrimônio. Geralmente, associa-se o patrimônio material aos chamados “prédios históricos” que tiveram alguma “grande” importância no passado por terem sido moradia de alguma personalidade ou sede de alguma instituição. De nosso lado, procuramos nos opor a essa visão.

Todo o trabalho que realizamos nas escolas de Camobi esteve baseado na concepção de que patrimônio é aquilo pelo qual temos sentimento de pertença, ou seja, tudo o que é significativo, que faz parte de nossa identidade. Nesse sentido, uma das atividades aplicadas foi um passeio pela comunidade. O trajeto e os locais visitados foram escolhidos pelos “donos” dos patrimônios, ou seja, as próprias crianças.

Visitamos escola, praça, casa, sorveteria, centro comercial, etc. Quando chegávamos a cada um dos lugares, perguntávamos o porquê de estarmos ali. Todas as justificativas dadas relacionavam-se a alguma preferência, a algum hábito, a uma dimensão de suas vidas, enfim, àquelas coisas simples do dia a dia para as quais normalmente não damos muita atenção, mas que para os participantes das oficinas tinham significado.

Procuramos explorar, também, a noção de que aqueles prédios e monumentos “distantes” também podiam ser seus patrimônios. Através de jogos educativos, como quebra-cabeça e jogo da memória, mostramos tais elementos e exploramos cada um deles.

Por exemplo, a Praça Saldanha Marinho é um local de passagem bastante frequentado pela população santa-mariense, sendo utilizado muitas vezes como ponto de referência no centro da cidade. No entorno do município, estão muitos prédios antigos, como o Cine

Independência, o Teatro Treze de Maio, o prédio da Sociedade dos Caixeiros Viajantes de Santa Maria, o Banco do Comércio e o Fórum. Mostramos como esses elementos, mesmo muitas vezes imperceptíveis, fazem parte de cotidiano e, por conseguinte, da história dos alunos.



Imagem 5: Jogos lúdicos. Fonte: NEP/UFSM.

Nosso objetivo, portanto, foi desconstruir a imagem distorcida de que o patrimônio material é somente monumental e, por conseguinte, distante. Por outro lado, mesmo de forma inconsciente, valorizamos elementos próximos a nós, pelos quais nutrimos carinho, afeição e pertencimento. Buscamos trabalhar ambos os lados, de modo que as crianças passassem a reconhecer como patrimônio tudo aquilo que lhes é importante, seja a sua casa ou um monumento no centro da cidade.

O que imagino

Acreditamos que trabalhar a temática da imaginação vem a somar com as atividades já realizadas de patrimônio material, "quebrando" uma tendência bastante comum de enfatizar prioritariamente o que é material e, em consequência, deixar de lado os patrimônios imateriais.

A primeira atividade relativa aos bens imateriais foi a oficina *Descobrimo a imaterialidade do patrimônio*, que consistia em uma apresentação de *PowerPoint*. O objetivo era introduzir a temática em uma noção geral, tentando oferecer aos alunos uma nova noção a respeito dos bens imateriais. Levamos às escolas textos e imagens que demonstravam os patrimônios intangíveis registrados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), como danças, técnicas, entre outros, a partir de uma abordagem crítica, comentando os patrimônios locais que as crianças nos apresentaram. Fizemos, então,

questionamentos sobre a representatividade dos bens para a comunidade e sobre as consequências trazidas pelos registros. Por que o bolo da avó de algum deles não é patrimônio? Por que uma brincadeira em grupo não é patrimônio? Por que as festas da comunidade não são patrimônio? E por que o queijo do Serro (MG) ou a técnica das paneliras do Espírito Santo são considerados patrimônios nacionais?

Durante o desenvolvimento desta atividade, observamos o deslumbramento das crianças ao verem o material utilizado em *PowerPoint*, pois algumas das escolas não possuíam contato com esse tipo de tecnologia. Percebemos, então, que esse distanciamento da realidade dos alunos com aquilo que era apresentado no conteúdo dos slides acabou por desmotivar os estudantes. Nesse ponto, ficou claro o insucesso do material da projeção, mas, ao investigarmos sobre os patrimônios imateriais da comunidade, houve um novo interesse em relação ao conteúdo. Surgiram, neste momento, diversos comentários dos participantes, de tal modo que pudemos notar o valor dado pelas crianças ao local, ao que faz parte de seu cotidiano, em detrimento de um bem nacional, que muitas vezes é distante delas.



Imagem 6: Atividade com *PowerPoint*. Fonte:

NEP/UFSM.

Ao aplicarmos a oficina, notamos um claro distanciamento entre aquilo que diz respeito ao que se aponta como patrimônio de um bairro, cidade, estado ou país, e aquilo que realmente tem representatividade para as pessoas. Vimos que na própria comunidade há diferentes visões sobre o que é importante para todos e, do mesmo modo, que há uma grave falha em momentos nos quais, quem quer que seja, tenta homogeneizar certos bens representativos, afirmando que isso ou aquilo é importante para todos do bairro ou da comunidade, quando apenas uma determinada parte dos indivíduos se vê ali representada.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Em nossas atividades, portanto, levamos em conta a diversidade de opiniões e afinidades. Consideramos desde situações como uma romaria de âmbito estadual até um artesanato feito por uma criança como plenamente passíveis de serem considerados patrimônios imateriais, se os indivíduos assim os considerarem.

Na mesma linha, a atividade *Eleições Simuladas* objetivava introduzir noções de cidadania, política, valores, além de debater as necessidades existentes na comunidade. Buscamos, nesse caso, obter a visão de cada criança sobre aquilo que ela considerava mais importante de ser conservado, melhorado ou criado no bairro.

Nessa atividade, dividimos a turma em três “partidos” (grupos) e cada partido deveria escolher os bens que considerasse mais importantes para investimento na comunidade, fosse esse em forma de melhorias ou novas construções, de caráter material ou imaterial. O próximo passo foi estimular os grupos a criarem um nome para cada partido, com respectivos logotipos, provocando a criatividade das crianças, o que possibilitou a percepção do que elas pensavam sobre sua situação social. Logo após, cada grupo expôs suas propostas para a turma, que deveria eleger qual era a proposta mais relevante para a comunidade.

O que ficou em evidência, com o término das “eleições”, foi a falta de assistência pública nas localidades em foco. As crianças falaram principalmente das necessidades da escola, como construção de muros, melhor capacitação dos professores, melhorias na pintura e na estrutura da escola. Já quando se referiram ao bairro, elas expuseram demandas de melhorias no asfaltamento, na iluminação pública e na quadra de esportes, bem como maior investimento na segurança.

Dando continuidade ao foco em atividades que valorizavam a identificação do indivíduo com a imaterialidade dos patrimônios, realizamos a *Oficina de técnicas*, que visou a trabalhar o “como fazer” e suas relações culturais, através de oficinas escolhidas pelas crianças. Objetivávamos mostrar que as técnicas podem ter tanto um caráter rígido, o do fazer sempre de uma mesma forma para se chegar a um mesmo fim, quanto um caráter dinâmico, a partir do qual cada indivíduo traça um caminho particular. Trabalhar a importância das técnicas como patrimônio imaterial era outra meta.

A proposta inicial desta atividade foi baseada nas preferências das crianças em relação àquilo que desejavam aprender e com o que se identificavam, ou seja, o que elas realmente queriam para seu aprendizado, e não algo simplesmente imposto. As primeiras indicações para as oficinas foram: chimarrão, *origami*, cartomante de papel, fuxico, futebol,



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



trabalhos com miçangas, além de danças de músicas que variavam entre os ritmos sertanejo universitário, tradicionalista gaúcho e dança de salão. Devido a certas dificuldades (indisponibilidade de material, por exemplo), não foi possível realizar algumas das atividades escolhidas pelas crianças, como o fuxico e trabalhos com miçangas. A de futebol também não se realizou em função da falta de espaço físico em uma das escolas, o que denota que é preciso, além da articulação com a comunidade, um ambiente escolar propício para a construção e a aplicação de ações educativas. Observamos que as escolhas dos alunos se basearam muito no que eles preferiam fazer e também no que poderia ser útil a eles futuramente. Ficou claro que a comunidade possui demandas e necessidades passíveis de novas ações tanto da universidade como do poder público, ações essas que devem se voltar mais ao que realmente os grupos querem e não ao que simplesmente irá dar destaque ou que atingirá a maioria, desprezando, assim, a complexidade das situações e dos ambientes.

A respeito da técnica, ainda pudemos notar que esta poderia atender aos interesses de determinados alunos e não ser tão atrativa aos demais. Isso decorre dos contrastes presentes dentro do próprio grupo, que acaba tendo diferentes preferências e reconhecendo muitas vezes patrimônios díspares. No início da atividade de *origami*, por exemplo, observamos que as crianças envolvidas não consideraram o *origami* importante como representante de sua identidade cultural, apesar de gostarem de fazê-lo. Acreditamos que isso ocorreu em função de a técnica ser distante da realidade dos alunos, mesmo assim eles acabaram por entender que o *origami* pode ser importante para outros grupos, principalmente para aqueles ligados à cultura do Japão, onde a técnica surgiu.

No que diz respeito à execução da atividade, optamos por iniciá-la contando uma breve história do *origami*, trabalhando passos básicos da técnica. Criamos três tipos de *origami*, um marca página de fácil criação, um corvo falante e um coelho. Para chegar ao resultado final, os participantes deveriam seguir os passos indicados, embora muitos tenham seguido outros passos, chegando a diversas formas.

Mais do que criar os *origamis*, nós questionamos os participantes sobre o conteúdo do que estavam desenvolvendo. Nesta linha de material com papel, surgiu das crianças a vontade de criar cartomantes de papel (brincadeira de adivinhações com combinações de números), uma brincadeira clássica que faz parte da realidade dos participantes.



Imagem 7: Oficina com *origamis*. Fonte: NEP/UFSM.

Na oficina posterior, trabalhamos o modo de fazer o chimarrão. Utilizamos os “avios do mate” para trabalharmos a técnica e, aproveitando-nos da temática, incluímos discussões sobre padrões de postura e conduta, além de lendas e mitos.



Imagem 8: Acadêmica ensinando o preparo do chimarrão. Fonte: NEP/UFSM.

A última oficina foi a de dança. Os ritmos escolhidos foram vaneira, maçanico, pezinho e o sertanejo universitário, sendo que este último foi representado por artistas indicados pelos alunos.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Ao trabalharmos a oficina de técnica, notamos que o patrimônio imaterial possui uma dinâmica momentânea, ou seja, em cada etapa da vida, a pessoa tem múltiplas afinidades e preferências, o que faz com que ela dê mais ou menos importância a situações e objetos em diferentes momentos. Cada indivíduo considera diversos bens culturais imateriais como tal a cada diferente fase de sua trajetória. Por exemplo, brincadeiras são essenciais para uma criança, mas para um adulto elas perdem o destaque, mesmo que as lembranças permaneçam. Do mesmo modo, outros aspectos passam a assumir um caráter prioritário com o tempo, como saber fazer receitas, aprender novas músicas e danças, praticar artesanatos, etc.

A última oficina foi a de *Histórias em quadrinhos*, que visava a trabalhar o gênero lenda como patrimônio imaterial, enquanto uma narrativa que compõe, além da cultura, aspectos históricos, míticos, religiosos e geográficos, questões essas que dão sentido à determinada realidade. Dando continuidade às demais atividades, abordamos as lendas locais e as conhecidas pelos participantes do projeto bem como estimulamos a criatividade das crianças com a possibilidade de criação de uma nova lenda.

Foram disponibilizados, então, materiais individuais, e orientamos que cada aluno, partindo da explicação de patrimônio imaterial, produzisse uma história em quadrinhos que retratasse uma lenda conhecida, local ou não, ou ainda que criasse uma nova narrativa. Para tal, também foram dadas noções gerais sobre a confecção das histórias em quadrinhos. As atividades possibilitaram a criação de novas narrativas. Trabalhamos, também, algumas das lendas amplamente conhecidas na comunidade regional e nacional, como a “Lenda da Erva Mate” e a do “Saci Pererê”. Levando em consideração as habilidades individuais, alguns alunos optaram pela prática do desenho para a confecção da lenda. Houve também aqueles que, minoritariamente, recusaram-se a realizar a atividade, simplesmente pelo fato de acreditarem não ter capacidade para desenhar ou criar uma lenda, ou mesmo por timidez.



Imagem 9: Crianças produzindo histórias em quadrinhos. Fonte: NEP/UFSM.

Com o término das atividades relativas ao patrimônio imaterial, obtivemos algumas conclusões sobre a realidade das comunidades trabalhadas. Uma delas foi a de que, durante as oficinas, ficou nítida a maior percepção dada aos bens materiais, em detrimento aos imateriais, tal como ocorreu durante a oficina de *Eleições Simuladas*, em que, a todo o momento, os alunos fizeram referência a meios físicos, como a escola, as ruas, o campinho de futebol, etc. O interessante é perceber que a valorização desses espaços vinha, muitas vezes, de um primeiro desejo ligado à imaterialidade, como jogar bola com os amigos ou participar de festas da comunidade. Notamos aqui uma necessidade à qual o bem imaterial está atrelado, ou seja, possuir um meio físico para manifestação, meio esse que é majoritariamente referendado como condição para que a imaterialidade se manifeste.

Percepções

Participar do Programa Conexões de Saberes - Diálogos entre a Universidade e as Camadas Populares, sem dúvida, foi muito gratificante e, acima de tudo, um grande aprendizado. Contribuir para a efetiva aproximação entre a universidade e as escolas, facilitando a devida troca de saberes, experiências e demandas, é algo fundamental já que a democratização do acesso ao ensino superior é uma política prioritária na atualidade.

Antes de iniciarmos os trabalhos nas escolas, foram muitas as inseguranças com as quais tivemos de conviver, principalmente no que diz respeito à aplicação das atividades que nos propúnhamos a realizar. A maioria de nós, em momento algum, pensou sobre as dificuldades que poderíamos encontrar e que poderiam entrar em conflito com um ideal de



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



ensino que tínhamos em mente. No entanto, com o passar do tempo, tudo foi se ajeitando e muito do que havíamos lido de teoria da educação e da história, pela primeira vez, começou a fazer sentido.

Quando chegamos às escolas, percebemos que cada uma das crianças vivia realidades distintas, de modo que o nosso planejamento, na maioria das vezes, tinha que ser adaptado às situações com que nos deparávamos. Lidar com isso não foi fácil, mas pensando que em breve seremos professores, essas tarefas nos ensinaram muito. Além disso, crescemos como seres humanos, pois percebemos que reclamamos diariamente por coisas supérfluas, enquanto a poucos metros de nós outras pessoas estão vivendo situações bem mais problemáticas. De certo modo, somos acostumados a ignorar a realidade do outro. Após nossas atividades, no entanto, desconsiderar isso não foi mais possível, pois de alguma forma aquelas crianças nos transformaram e nos melhoraram.

Dentre as coisas boas que vivenciamos junto às crianças do Programa Conexões de Saberes, podemos também salientar todo o conhecimento adquirido de forma tão dinâmica e criativa, assim como a importância de deixar os alunos (mesmo que por algumas horas) longe das ruas, fazendo-os entender a necessidade de estarem na escola. Esta, por sua vez, propicia às crianças um novo mundo, muito maior que o ambiente familiar e que se transforma em um local de cultivo de lembranças. Durante as atividades, muitos participantes contaram suas histórias de vida, ainda muito breves pela tenra idade deles, mas em geral associavam a escola com os momentos de sua vida pessoal. Aqueles que por muitas escolas passaram pareciam ter muito a contar.

A partir do Conexões de Saberes, aprendemos que tratando as crianças como iguais, com respeito e interesse pelo que dizem, por suas ideias e por sua realidade (econômica, cultural, social), o trabalho se torna muito mais significativo. O exemplo extremo disso são as chamadas “crianças-problema”, para as quais os professores das escolas nos pediam cuidado, alertando-nos sobre o comportamento problemático, hiperativo e até mesmo agressivo. Por outro lado, quando conversávamos com elas (de novo, com respeito e interesse), explicando o porquê da atividade, encontrávamos crianças interessadas em participar, aprender e expor suas ideias, revelando-nos, desse modo, seus grandes potenciais.

As dificuldades encontradas referiam-se principalmente às diferentes realidades das escolas, pois uma coisa era trabalhar com os alunos de escolas onde tudo funcionava bem e onde havia domínio de conteúdos e leitura, conseqüentemente, respostas rápidas às



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



propostas das atividades; outra, era aplicar as atividades a alunos que se encontravam em difíceis situações econômicas e sociais, além dos inúmeros problemas familiares que apresentavam. Devido a essas distinções, enquanto numa escola as respostas a determinadas atividades nos deixavam bastante empolgados, em outras, ao reapplicá-las, voltávamos para casa com uma sensação de fracasso.

O que mais nos surpreendeu foi constatar que, apesar das dificuldades que os alunos mais carentes apresentavam, por possuírem situações sociais conflituosas e carência econômica, foram esses os que mais positivamente interagiram conosco, participando do início ao fim do projeto e realmente demonstrando que, por mais simples que aquilo tudo parecesse, conseguimos modificar um pouco a vida deles.

No decorrer das atividades, observamos também o preconceito que a maioria da comunidade possui em relação aos alunos de determinadas escolas dentro do mesmo perímetro, bem como o desinteresse em promover ações que realmente possam chegar a esses alunos carentes. Por se tratar de um trabalho árduo, a maioria em geral prefere ignorar essa parcela da população, ajudando a consolidar as diferenças sociais e os preconceitos.

Participar desse ambiente escolar foi gratificante, pois na maioria das vezes a universidade só chega até os bairros para aplicar uma pesquisa ou para justificar gastos quaisquer com projetos que não beneficiam os moradores. Com efeito, as oficinas que realizamos caracterizam a verdadeira extensão universitária, ou seja, o diálogo entre os acadêmicos e a comunidade foi consumado, assim como a troca de saberes.

Pensar no que ficou de bom ou de ruim após nosso trabalho é, muitas vezes, desmotivador, pois gostaríamos de mudar por completo a realidade daquelas crianças, a triste realidade, quase unânime, de famílias ausentes ou presentes na violência, do que decorrem inúmeros problemas sociais e educativos. Todavia, apesar de não conseguirmos fazer modificações grandiosas, saímos com a certeza de termos semeado naqueles terrenos, até então áridos, esperanças de um futuro melhor.

Bibliografia complementar

DIAS, Guilherme ; SOARES, A. L. R. . Educação Patrimonial e educação popular: um viés possível. In: André Luis Ramos Soares; Sergio Celio Klamt. (Org.). Educação Patrimonial: Teoria e Prática. santa maria: editora da UFSM, 2008, v. 1, p. 65-77.

KLAMT, Sérgio Célio (Org.) ; SOARES, A. L. R. (Org.) . Santo Amaro: arqueologia e educação patrimonial. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2010. v. 1. 203 p.



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



KRAUSE, Aline Machado ; VIEIRA, G.V. ; SOARES, A. L. R. . Microsociologia na avaliação da Educação Patrimonial. In: Leandro Henrique Magalhães; Elisa Roberta Zanon; Patrícia Martins Castelo Branco. (Org.). A Construção de Políticas Patrimoniais: Ações Preservacionistas de Londrina, Região Norte do Paraná e Sul do País. 1 ed. Londrina: UniFil, 2009, v. 1, p. 149-152.

SOARES, A. L. R. (Org.) ; FLORES, J. R. A. (Org.) . O Programa Inovador de Cursos (PIC) e sua Implementação na UFSM. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2008. v. 1. 88 p.

SOARES, A. L. R. (Org.) ; KLAMT, Sérgio Célio (Org.) . Educação Patrimonial: Teoria e Prática. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008. v. 1. 200 p.

SOARES, A. L. R. (Org.) ; MACHADO, Alexander da Silva (Org.) ; HAIGERT, Cynthia Gindri (Org.) ; POSSEL, Vanessa Rodrigues (Org.) . Educação Patrimonial: Relatos e Experiências. 1. ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2003. v. 1. 121 p.

SOARES, A. L. R. . De Heróis a Bandidos: educação patrimonial e ensino de história OU como manipulamos o passado na construção do presente. In: Francisco Régis Lopes Ramos; Meize Regina de Lucena Lucas. (Org.). Tempo no Plural: História, Ensino e Diversidade Cultural. Fortaleza, CE: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda., 2008, v. 1, p. 165-178.

SOARES, A. L. R. . Dr. Jeckyl and Mister Hide ou que Educação Patrimonial queremos nos museus?. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 31, p. 283-295, 2009.

SOARES, A. L. R. . Educação Patrimonial na prática: as atividades do NEP-UFSM. In: Saul Eduardo Seiguer Milder. (Org.). Recortes da História Brasileira. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2008, v. , p. 179-188.

SOARES, A. L. R. . Educação Patrimonial: Valorização da Memória, Construção da Cidadania, Formação da Identidade Cultural e Desenvolvimento Regional. In: André Luis Ramos Soares. (Org.). Educação Patrimonial: Relatos e Experiências. Santa Maria: Editora UFSM, 2003, v. , p. 15-32.

SOARES, A. L. R. ; MILDRE, Saul ; MACHADO, Neli ; HAIGERT, Cynthia Gindri ; MACHADO, Alexander da Silva . EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, ARQUEOLOGIA HISTÓRICA E MEMÓRIA EM SÃO MARTINHO DA SERRA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.. Noticias de Antropología y Arqueología, v. 1, p. 06, 2001.

SOARES, A. L. R. ; Rempel, Anelise Heidi . Alguns conceitos necessários para as ações de educação patrimonial. In: Sergio Celio Klamt; André Luis Ramos Soares. (Org.). Santo



INTEGRACION,
EXTENSION,
DOCENCIA
E INVESTIGACION
PARA LA
INCLUSION
Y COHESION
SOCIAL

22 AL 25
NOVIEMBRE
DE 2011
SANTA FE
ARGENTINA



Amaro: arqueologia e educação patrimonial. 1 ed. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 2010, v. 1, p. 77-96.

SOARES, A. L. R. ; KLAMT, Sérgio Célio . Breve Manual de Patrimônio Cultural: subsídios para uma Educação Patrimonial.. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 28, p. 45-65, 2004.

SOARES, A. L. R. ; KLAMT, Sérgio Célio . Educação Patrimonial e a Interdisciplinaridade em sala de aula: um estudo de caso. In: André Luis Ramos Soares; Sergio Celio Klamt. (Org.). Educação Patrimonial: Teoria e Prática. santa maria: editora da UFSM, 2008, v. 1, p. 171-200.

SOARES, A. L. R. ; KLAMT, Sérgio Célio . Pré-História e Arqueologia: Sugestões Metodológicas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental.. Revista do CEPA, Santa Cruz do Sul, v. 28, p. 19-44, 2004.

SOARES, A. L. R. ; SOUZA, C. S. ; CARDOZO, L. S. ; ALBARELLO, T. H. . A Educação Patrimonial como um instrumento de preservação e democratização da memória e do patrimônio nos museus. Cadernos do CEOM (UNOESC), v. 26, p. 109-136, 2007.